

COMISSÃO Nº 08 - CONSULTAS E OUTROS PAPÉIS

QUANTO AO DOC 129 - ORIUNDO DO SÍNODO PIRATININGA - CONSULTA
QUANTO À QUALIFICAÇÃO DE PESSOAS QUE OCUPAM O PÚLPITO E
SOLICITAÇÃO DE POSIÇÃO DA IPB A RESPEITO DOS ENSINOS E DOCTRINAS
DO PROF. RUBEM ALVES

Doc. CXXXVI

Despacho:

Rev. Roberto Brasileiro
Presidente

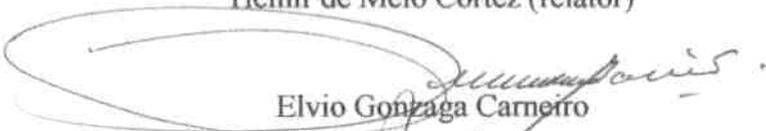
SR. 19/03/04

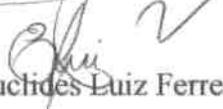
A CE-SC-IPB resolve:

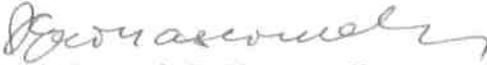
- a- Tomar conhecimento;
- b- Reiterar o disposto no artigo 31 alínea "d" da CI-IPB;
- c- Esclarecer que é função privativa do Conselho "exercer o governo espiritual e administrativo da Igreja sobre sua jurisdição...", conforme artigo 83 alínea "a" da CI-IPB;
- d- Salientar que cabe aos presbitérios, no uso das suas atribuições, atentar para o disposto na alínea "n" do artigo 88 da CI-IPB;
- e- Informar que não dispomos de elementos que nos permitam julgar os pensamentos e os escritos do professor Rubem Alves.

Sala das Sessões, 16 de março de 2004


Helmir de Melo Cortez (relator)


Elvio Gonzaga Carneiro


Euclides Luiz Ferreira


José Hernando P. Vasconcellos

Doc. CXXXVI

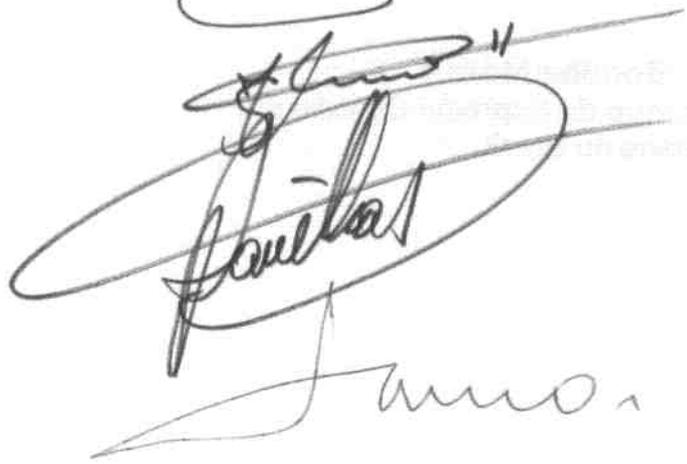
Despacho:

Rev. Ludgero Bonilha Moraes

aprovado
SUBSTITUTIVO (1/2)

ADITIVO 19/03/04

- A queda do item e.
- A adição dos itens:
- E Lamentar que Igreja Irmaõs de uma querida IPB tenha se assediado nesta comemoração de uma data tão importante com um pensamento ~~entusiasmado e descecente~~ que se tem
- F Que não se envide mais em sentir expresso por ser um ~~apóstata~~ uma pessoa de maneira que afastou de nós anuais estando a desviando da Fé Reformada. Fé Reformada da


Rev Ludgero Bonilha Moraes
Secretário Executivo do SC/IPB

Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 2004.

À Comissão Executiva / Supremo Concílio
Igreja Presbiteriana do Brasil

De acordo com a tramitação devida, encaminhamos em anexo a correspondência recebida do Sínodo Piratininga, referente a consulta quanto à qualificação de pessoas que ocupam o púlpito nos cultos das Igrejas e solicitação de posição da IPB a respeito dos ensinamentos e doutrinas religiosas das Sagradas Escrituras do Prof. Rubem Azevedo Alves.

Fraternalmente em Cristo,



Rev. Ludgero Bonilha Morais
Secretário Executivo do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil



IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL
SÍNODO DE PIRATININGA

São Paulo, 14 de fevereiro de 2004.

À
Comissão Executiva do Supremo Concílio da IPB
M.D. Secretário Executivo
Rev. Ludgero Bonilha Moraes

Edson SC/2004

DESTINO: Sub-Comissão. V...

PROTÓCOLO

15 MAR 10 03 2004 129



Assuntos: Consulta quanto à qualificação de pessoas que ocupam o púlpito nos cultos das Igrejas (Doc nº 04)
Solicita a posição da IPB a respeito dos ensinos e doutrinas religiosas das Sagradas Escrituras do profº Rubem Azevedo Alves (Doc nº 05)
Consulta sobre a posição da IPB quanto ao evento promovido por Igrejas Presbiterianas do Rio de Janeiro em Comemoração à Reforma Protestante (Doc. Nº 09)

Prezados Senhores:

Vimos por meio deste encaminhar a essa mui digna Comissão Executiva a decisão tomada pelo Sinodo de Piratininga – Doc. Nº I – em sua reunião extraordinária de 14/02/2004 para as devidas providências cabíveis. Segue também documentos do Presbitério de Piratininga e Presbitério Sul Paulistano para apreciação e providências.

Sem mais, rogamos as mais copiosas bênçãos de Deus sobre esta Comissão Executiva e nossa amada Igreja.

Rev. Edson Dias
Secretário Executivo

QUANTO AOS DOC. 05, 05A, 09

DOC I
14.02.04
AMM

O SÍNODO DE PIRATININGA RESOLVE:

1. ~~FOMOS~~ RECEBER, TOMAR E ENCAMINHAR OS A CF/SC PARA AS DEVIDAS PROVIDENCIAS
2. NOMEAR COMISSÃO ESPECIAL PARA ESTUDAR OS ENSINOS ^{AS DOUTRINAS} RELIGIOSOS ~~DA~~ DAS SAGRADAS ESCRITURAS, DO PROF RUBEN AZEVEDO ALVES, INCLUSIVE RECEBENDO COLABORAÇÃO DE COMISSOES SIMILARES AOS PRESBITÉRIOS JURISDICIONADOS, DEVENDO RELATAR ATÉ 30.11.2004 AO CONCLUIR. RESSALTA-SE A IMPORTANCIA DA CF DO SÍNODO ACOMPANHAR A EXECUÇÃO DA RESOLUÇÃO. MEMBROS DA COMISSÃO

REV PAULO CESAR
 CHLES SOARES
 AUGUSTUS NICOLETTOS
 DAVID CHARLES

Rel. Dist. MARCOS SEARA RIBEIRO
 AMÉRICO KERR
 PAULO DE TARLÓ
 SOLANO
 AMÉRICO KERR

3. REAFIRMAR AOS PRESBITÉRIOS JURISDICIONADOS E RESPECTIVAS CONFEIÇÕES DE IGREJAS A ^{GRAVE} NECESSIDADE DE OBSERVAR E PRATICAR O ENSINO DA CARTA A TITO 1:11.

SALT DAS SESSOES

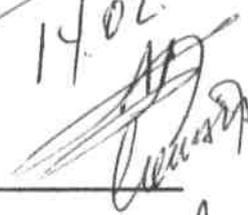
[Handwritten signature]

[Small handwritten mark]

Presbitério de Piratininga
Sínodo de Piratininga
Igreja Presbiteriana do Brasil

Doc. 05-A

14.02.04



São Paulo, 12 de fevereiro de 2004. A.

Ao Sínodo de Piratininga

O Presbitério de Piratininga reunido em sua reunião Extraordinária de 11 de fevereiro de 2004, resolve:

Consultar o SC da IPB através de sua CE sobre a seguinte questão: **Considerando a lacuna existente no conjunto de documentos que formam a constituição da IPB (Estatutos, Regimentos, e manuais) quanto à qualificação de pessoas que ocupam o púlpito dos cultos das igrejas desta denominação, solicitamos a manifestação do SC, através de sua CE, para orientação das igrejas.**

Cordialmente,



Pb. Luiz Carlos Matias
Secretário Executivo - PPIR

Presbitério de Piratininga
Sínodo de Piratininga
Igreja Presbiteriana do Brasil

JOC.05
14.02.04
com. A

São Paulo, 12 de fevereiro de 2004.

Ao Sínodo de Piratininga

O Presbitério de Piratininga reunido em sua reunião Extraordinária de 11 de fevereiro de 2004, resolve:

Consultar o Supremo Concílio da IPB, através de sua CE sobre a seguinte questão:
Solicitar a posição da IPB a respeito dos ensinamentos e doutrinas religiosas do prof. Rubem Azevedo Alves. Como auxílio e subsídio, anexamos gravação e transcrição de recente palestra sua em evento comemorativo da Reforma Protestante.

Cordialmente,



Pb. Luiz Carlos Matias
Secretário Executivo - PPIR

desenvolver
"das Sagradas Escrituras..."

DECLARAÇÃO DO PRESBITÉRIO DE PIRATININGA



São Paulo, 9 de fevereiro de 2004

Doc. 09
14.02.04

Lom A

Ao
Sinodo de Piratininga
A/C Secretário Executivo

**Re: Evento Promovido por Igrejas Presbiterianas do Rio de Janeiro, em
Comemoração à Reforma Protestante.**

Prezados irmãos,

O PSPA estranhou a promoção e divulgação do evento, por ocasião da Reforma Protestante, em 31 de outubro de 2003, em que as Igrejas Presbiterianas de Copacabana, Gávea e Botafogo, juntamente com outras denominações, convidaram para ser o orador o senhor Rubem Alves.

Diante desse fato, o PSPA resolve consultar a Comissão Executiva do SC/IPB sobre a posição da denominação, quanto a eventos promovidos por igrejas a ela jurisdicionadas, tendo como oradores pessoas de reconhecida heterodoxia e que professam abertamente posições contrárias ao cristianismo histórico.

Fraternalmente, em Cristo Jesus,


Rev. Édson Reinaldo Facco
Secretário Executivo do PSPA

PSPA – Comissão de Assuntos Teológicos – Relatório

O Presbitério Sul Paulistano – PSPA, reunido em sua 58ª. Reunião Ordinária na Igreja Presbiteriana de Santo Amaro – IPSA, sita à Rua Promotor Gabriel Netuzzi Perez, No. 289, São Paulo, SP, quanto ao documento No. 39, submetido à Comissão de Assuntos Teológicos, que trata de **EVENTO PROMOVIDO POR IGREJAS PRESBITERIANAS DO RIO DE JANEIRO, EM COMEMORAÇÃO À REFORMA PROTESTANTE, EM 31 DE OUTUBRO DE 2003:**

CONSIDERANDO a celebração do Dia da Reforma do Século XVI, ocorrida no dia 31 de outubro de 2003, no templo da Igreja Presbiteriana de Copacabana, evento este promovido, entre outras, pelas igrejas presbiterianas (IPB) de Copacabana, da Gávea e do Botafogo, tendo como orador o Sr. Rubem Alves, conforme divulgação no *site* da I. P. de Copacabana, Rio de Janeiro, (Anexo 1);

CONSIDERANDO que o senhor Rubem Alves, embora renomado acadêmico, é ex-pastor presbiteriano, tendo escrito “que as idéias centrais da teologia cristã nada mais significam para mim”, no artigo “Fora da Beleza Não Há Salvação” (Anexo 2), onde, também, nega a doutrina da substituição propiciatória de Cristo, pela sua igreja; e que ele vem mantendo dissonância análoga, da fé cristã, em vários outros artigos (Anexo 3);

CONSIDERANDO a fala do sr. Rubem Alves, na “comemoração” acima mencionada, que se encontra transcrita no Anexo 4, que contém pontos discordantes da ortodoxia presbiteriana e da visão histórica que a denominação tem da Reforma e dos reformadores, como por exemplo: apresenta uma visão inclusivista e generalizada da religião, que destrói o cristianismo, como religião verdadeira, dizendo “que as religiões são sonhos da coletividade” (19:00 min.); advoga o universalismo e uma visão distorcida da justiça divina, dizendo “...não há salvos e condenados. Não há inferno. Só existe a grande bondade de Deus que transborda sobre o mundo...” (30:00 min.); descaracteriza a distinção entre verdade e mentira, quando diz “... não é pecado pensar errado, porque ninguém sabe o que é pensar certo. A gente pode pensar do jeito que for, porque não tem ortodoxo e herege. E quem disser que o outro é herege, não está entendendo direito o espírito da reforma” (11:00 min.).

O PSPA RESOLVE:

1. Estranhar a promoção e divulgação desse evento, com o citado palestrante, em data tão significativa á fé reformada;
2. Consultar a Comissão Executiva do SC/IPB, através do Sínodo de Piratininga sobre a posição da denominação quanto a eventos promovidos por igrejas a ela jurisdicionadas, tendo como oradores pessoas de reconhecida heterodoxia e que professam abertamente posições contrárias ao cristianismo histórico.

Sala das Sessões, 07 de fevereiro de 2004.

Rev. Augustus Nicodemus Gomes Lopes
Relator

Pb. Francisco Solano Portela Neto

Pb. Clóvis Dias da Silva

PROCOLO Nº 39
DESTINO ~~Legislação~~
Assunto Teológico
DATA: 06/02/04
JH
(PRESIDENTE)

Recife, 04 de fevereiro de 2004.

AO PRESBITÉRIO SUL PAULISTANO
NESTA

Re: EVENTO COM RUBEM ALVES NO ÂMBITO DA IPB

Prezados irmãos,

CONSIDERANDO a divulgação de evento no site da Igreja Presbiteriana de Copacabana, Rio de Janeiro, onde por ocasião da Reforma Protestante, foi celebrado culto tendo como orador o senhor Rubem Alves (Anexo 1).

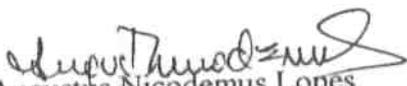
CONSIDERANDO que o referido senhor, embora renomado acadêmico, se declara apóstata da fé cristã, conforme se pode ver por suas publicações, especialmente o artigo "Fora da Beleza Não Há Salvação" (Anexos 2 e 3).

CONSIDERANDO a fala do sr. Rubem Alves na ocasião acima mencionada, que se encontra transcrita no Anexo 4.

CONSIDERANDO que na referida fala o sr. Alves reafirmou abertamente suas posições heréticas, conforme destaques no Anexo 5.

SOLICITO do egrégio Presbitério Sul Paulistano que tome conhecimento do fato e as providências cabíveis junto aos concílios aos quais a Igreja Presbiteriana de Copacabana está jurisdicionado, as saber, Presbitério do Rio de Janeiro e Sínodo do Rio de Janeiro.

Fraternalmente, em Cristo,


Rev. Augustus Nicodemus Lopes

Celebração da Reforma

As igrejas
presbiterianas de Copacabana, Gávea e Botafogo
Igreja Cristã de Ipanema
Paroquia Bom Samaritano (Igreja Luterana)

convidam:

Venha celebrar conosco o Dia da Reforma

Orador: Rubem Alves

Data: 31 de Outubro

Local: Igreja Presbiteriana
de Copacabana
(Rua Barata Ribeiro, 335)

Horário: 19h30min



ANEXO 1

↓

At.

ANEXO 2 – Fora da Beleza não há Salvação

Escrevo como poeta. Cummings disse que o mundo ilimitado de um poeta é ele mesmo. Narcisismo egocêntrico? Não. Invoco a Cecília Meireles para esclarecer. Dizia ela de sua avó: 'Teu corpo era um espelho pensante do universo.' Os poetas, diferentes dos cientistas que desejam conhecer o universo olhando diretamente para ele, só conhecem o universo como parte do seu corpo. Poesia é eucaristia. O poeta contempla a coisa e diz: 'Isso é o meu corpo.'

Poeta, não sei falar cientificamente sobre o cristianismo. Só posso falar sobre ele tal como ele foi se refletindo no espelho do meu corpo, através do tempo.

Infância. Crianças não têm idéias religiosas. Nada sabem sobre entidades espirituais. Crianças são criaturas deste mundo. Elas o experimentam através dos sentidos, especialmente a visão. As crianças não têm idéias religiosas mas têm experiências místicas. Experiência mística não é ver seres de um outro mundo. É ver esse mundo iluminado pela beleza. Essas são experiências grandes demais para a linguagem. Dessas experiências brotam os sentimentos religiosos. Religião é a casca vazia da cigarra sobre o tronco da árvore. Sentimento religioso é a cigarra em vôo. Menino, eu voava com as cigarras.

As idéias religiosas não nascem das crianças. Elas são colocadas no corpo das crianças pelos adultos. Minha mãe me ensinou a rezar. 'Agora me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe a minha alma, ó Senhor, Amém.' Resumo mínimo de teologia cristã: há Deus, há morte, há uma alma que sobrevive à morte. Depois vieram outras lições: 'Deus está te vendo, menino...' Deus vira um Grande Olho que tudo vê e me vigia. Meu primeiro sentimento em relação a Deus: medo.

As crianças acreditam naquilo que os grandes falam. E assim se inicia um processo educativo pelo qual os grandes vão escrevendo no corpo das crianças as palavras da religião. O corpo da criança deixa de ser corpo da criança: passa a ser o caderno onde os adultos escrevem suas palavras religiosas.

Muitas são as lições do catecismo. Deus é um espírito que sabe todas as coisas. Vê o que você está fazendo com as suas mãos, debaixo das cobertas, com a luz apagada. Deus é onipotente: pode fazer todas as coisas. Tendo poder absoluto, tudo o que acontece é porque ele quis. A criancinha defeituosa, a mãe que morre de parto, as câmaras de tortura, as guerras... As tragédias não acontecem. Deus as produz. Diante das tragédias ensina-se que se deve repetir: 'É a vontade de Deus.' É preciso fazer o que Deus manda pois, se não o fizer, ele me castigará. Se eu morrer sem me arrepender serei punido com o fogo do Inferno, eternamente. Essa vida do corpo, na terra, não tem valor. Vale de lágrimas onde os degredados filhos de Eva lamentam e choram, esperando o céu. O céu vem depois da morte. Deus mora no lugar que há depois que a vida acaba. O mundo é um campo de provas minado por prazeres onde o destino eterno da alma vai ser decidido. Para se amar a Deus e o seu céu é preciso odiar a vida. Quem ama as coisas boas da vida não está amando Deus. Negar o corpo: lacerações, abstenções, sacrifícios: essas são as dádivas que se deve oferecer a Deus. Deus fica feliz quando sofremos. De todos os prazeres os mais perigosos são os prazeres do sexo. Assim, é preciso fazer sexo sem prazer, sexo para procriar. Deus nunca foi visto por ninguém. Mas revelou a sua vontade a uma instituição: a Igreja, não importando se católica ou protestante. A ela, Igreja, foi confiada a guarda do livro escrito por inspiração divina, as Sagradas Escrituras, a 'Grande Enciclopédia dos Saberes e das Ordens Divinas'. Sendo assim fora da Igreja não há salvação, porque fora da Igreja não há conhecimento de Deus.

Ludwig Wittgenstein fala sobre o poder enfeitiçante das palavras. Palavras enfeitiçantes: aquelas que nos possuem e nos impedem de pensar. Assim são as idéias religiosas: os corpos dos homens estão cobertos de palavras que, pelo medo, os dominam. Possuídos, não conseguem pensar pensamentos diferentes. Qualquer outra palavra pode significar o Inferno. As inquisições, católica e protestante, jamais enviaram para a fogueira pessoas por seus pecados morais. Os pecados morais levam o pecador para mais perto da Igreja, pois ela tem o poder de perdoar. Queimados foram aqueles que tiveram pensamentos diferentes: Bruno, Huss, Serveto. Os crimes de pensamento afastam os homens da Igreja. Consequentemente, afastam os homens de Deus. Quem pensa pensamentos diferentes tem de ser eliminado ou pela fogueira ou pelo silêncio.

Durante muitos anos vivi enfeitiçado por essas palavras. Feitiços não se combatem com a razão. É sempre um beijo de amor que quebra o feitiço... Quem me beijou? Um Outro que mora em mim. Porque em mim mora não somente aquele que pensa mas aquele que sente. Barthes dizia: 'Meu corpo não tem as mesmas idéias que eu.' Meu 'eu' pensava as palavras que haviam sido escritas no meu corpo. Mas o meu corpo pensava outras idéias. A verdade do meu corpo era outra. Ele amava demais a vida. Confesso: nunca me senti atraído pelas delícias do céu. E desconheço alguém que morra de amores por ele. Prova disso é que cuidam bem da saúde. Querem continuar por aqui. Conheço, entretanto, pessoas que vivem vidas torturadas por medo do Inferno.

Lembro-me, com nítida precisão, do momento em que tive a percepção intelectual que libertou a minha razão para pensar. Eu estava no seminário. Repentinamente, com enorme espanto, percebi que todas aquelas palavras que outros haviam escrito no meu corpo não haviam caído do céu. Se não haviam caído do céu, elas não tinham o direito de estar onde estavam. Eram demônios invasores. Abriram-se-me os olhos e percebi que essa monumental arquitetura de palavras teológicas que se chama teologia cristã se constrói, toda, em torno da idéia do Inferno. Eliminado o Inferno, todos os parafusos lógicos se soltariam, e o grande edifício ruiria. A teologia cristã ortodoxa, católica e protestante - excetuada a dos místicos e hereges - é uma descrição dos complicados mecanismos inventados por Deus para salvar alguns do Inferno, o mais extraordinário desses mecanismos sendo o ato de um Pai implacável que, incapaz de simplesmente perdoar gratuitamente (como todo pai humano que ama sabe fazer), mata o seu próprio Filho na cruz para satisfazer o equilíbrio de sua contabilidade cósmica. É claro que quem imaginou isso nunca foi pai. Na ordem do amor são sempre os pais que morrem para o que o filho viva.

Hoje, as idéias centrais da teologia cristã em que acreditei nada significam para mim: são cascas de cigarra, vazias. Não

fazem sentido. Não as entendo. Não as amo. Não posso amar um Pai que mata o Filho para satisfazer sua justiça. Quem pode? Quem acredita?

Mas o curioso é que continuo ligado a essa tradição. Há algo no Cristianismo que é parte do meu corpo. Sei que não são as idéias. Que ficou, então?

Foi numa Sexta-feira da Paixão que compreendi. Uma rádio FM (Amparo) estava transmitindo, o dia inteiro, músicas da tradição religiosa cristã. E eu fiquei lá, assentado, só ouvindo. De repente, uma missa de Bach, e a beleza era tão grande que fiquei possuído e chorei de felicidade: 'A beleza enche os olhos d'água' (Adélia Prado). Percebi que aquela beleza era parte de mim. Não poderia jamais ser arrancada do meu corpo. Durante séculos os teólogos, seres cerebrais, haviam se dedicado a transformar a beleza em discurso racional. A beleza não lhes bastava. Queriam certezas, queriam a verdade. Mas os artistas, seres coração, sabem que mais alta forma de verdade é a beleza. Agora, sem a menor vergonha, digo: Sou cristão porque amo a beleza que mora nessa tradição. As idéias? Chiados de estática, ao fundo... Assim proclamo o único dogma da minha teologia cristã erótico-herética: Fora da Beleza não há salvação... (Publicada na ISTOÉ, dezembro de 2000.)

Anexo 3 – Duas Parábolas Recontadas

Jesus sabia que as histórias são o caminho para o coração. Por isso contava parábolas. As parábolas de Jesus eram sempre feitas em torno de situações da vida naquela época. Se ele vivesse hoje suas parábolas seriam diferentes.

"A parábola dos talentos" = "O Senhor dos Jardins"

Havia um homem muito rico, possuidor de vastas propriedades, que era apaixonado por jardins. Os jardins ocupavam o seu pensamento o tempo todo e ele repetia sem cessar: "O mundo inteiro ainda deverá se transformar num jardim. O mundo inteiro deverá ser belo, perfumado e pacífico. O mundo inteiro ainda se transformará num lugar de felicidade." Suas terras eram uma sucessão sem fim de jardins, jardins japoneses, ingleses, italianos, jardins de ervas, franceses. Era um trabalho cuidar dos jardins. Mas valia a pena pela alegria. O verde das folhas, o colorido das flores, as variadas simetrias das plantas, os pássaros, as borboletas, os insetos, as fontes, as frutas, o perfume... Sozinho ele não daria conta. Por isso anunciou que precisava de jardineiros. Muitos se apresentaram e foram empregados. Aconteceu que ele precisou fazer uma longa viagem. Iria a uma terra longínqua comprar mais terras para plantar mais jardins. Assim, chamou três dos jardineiros que contratara, Paulo, Hermógenes e Boanerges e lhes disse: "Vou viajar. Ficarei muito tempo longe. E quero vocês cuidarem de três dos meus jardins. Os outros, já providenciei quem cuide deles. A você, Paulo, eu entrego o cuidado do jardim japonês. Cuide bem das cerejeiras, veja que as carpas estejam sempre bem alimentadas... A você, Hermógenes, entrego o cuidado do jardim inglês, com toda a sua exuberância de flores pelas rochas... E a você, Boanerges, entrego o cuidado do jardim mineiro, com romãs, hortelãs e jasmims." Ditas essas palavras ele partiu. O Paulo ficou muito feliz e pôs-se a cuidar do jardim japonês. O Hermógenes ficou muito feliz e pôs-se a cuidar do jardim inglês. Mas o Boanerges não era jardineiro. Mentira ao se oferecer para o emprego. Quando ele viu o jardim mineiro ele disse: "Cuidar de jardins não é comigo. É trabalho demais..." Trancou então o jardim com um cadeado e o abandonou. Passados muitos dias voltou o Senhor dos Jardins, ansioso por ver os seus jardins. O Paulo, feliz, mostrou-lhe o jardim japonês, que estava muito mais bonito do que quando o recebera. O Senhor dos Jardins ficou muito feliz e sorriu. Veio o Hermógenes e lhe mostrou o jardim inglês, exuberante de flores e cores. O Senhor dos Jardins ficou muito feliz e sorriu. Aí foi a vez do Boanerges. E não havia formas de enganar. "Ah! Senhor! Preciso confessar: não sou jardineiro. Os jardins me dão medo. Tenho medo das plantas, dos espinhos, das taturanas, das aranhas. Minhas mãos são delicadas. Não são próprias para mexer com a terra, essa coisa suja... Mas o que me assusta mesmo é o fato das plantas estarem sempre se transformando: crescem, florescem, perdem as folhas. Cuidar delas é uma trabalhadeira sem fim. Se estivesse no meu poder, todas as plantas e flores seriam de plástico. E a terra seria coberta com cimento, pedras e cerâmica, para evitar a sujeira. As pedras me dão tranquilidade. Elas não se mexem. Ficam onde são colocadas. Como é fácil lavá-las com esguicho e vassoura! Assim, eu não cuidei do jardim. Mas o tranquei com um cadeado, para que os traficantes e os vagabundos não o invadissem." E com estas palavras entregou ao Senhor dos Jardins a chave do cadeado. O Senhor dos Jardins ficou muito triste e disse: "Esse jardim está perdido. Deverá ser todo refeito. Paulo, Hermógenes: vocês vão ficar encarregados de cuidar desse jardim. Quem já tinha jardins ficará com mais jardins. E, quanto a você, Boanerges, respeito o seu desejo. Você não gosta de jardins. Vai ficar sem jardins. Você gosta de pedras. Pois, de hoje em diante, você irá quebrar pedras na minha pedreira..."

"O Bom Samaritano" = "O Bom Travesti"

E perguntaram a Jesus: "Quem é o meu próximo?" E ele lhes contou a seguinte parábola:

Voltava para sua casa, de madrugada, caminhando por uma rua escura, um garçom que trabalhara até tarde num restaurante. Já cansado e triste. A vida de garçom é muito dura, trabalha-se muito e ganha-se pouco. Naquela mesma rua dois assaltantes estavam de tocaia, à espera de uma vítima. Vendo o homem assim tão indefeso saltaram sobre ele com armas na mão e disseram: "Vá passando a carteira". O garçom não resistiu. Deu-lhes a carteira. Mas o dinheiro era pouco e por isso, por ter tão pouco dinheiro na carteira, os assaltantes o espancaram brutalmente, deixando-o desacordado no chão.

Às primeiras horas da manhã passava por aquela mesma rua um padre no seu carro, a caminho da igreja onde celebraria a missa. Vendo aquele homem caído, ele se compadeceu, parou o carro, foi até ele e o consolou com palavras religiosas: "Meu irmão, é assim mesmo. Esse mundo é um vale de lágrimas. Mas console-se: Jesus Cristo sofreu mais que você." Ditas estas palavras ele o benzeu com o sinal da cruz e fez-lhe um gesto sacerdotal de absolvição de pecados: "Ego te absolvo..." Levantou-se então, voltou para o carro e guiou para a missa, feliz por ter consolado aquele homem com as palavras da religião.

Passados alguns minutos, passava por aquela mesma rua um pastor evangélico, a caminho da sua igreja, onde iria dirigir uma reunião de oração matutina. Vendo o homem caído, que nesse momento se mexia e gemia, parou o seu carro, desceu, foi até ele e lhe perguntou, baixinho: "Você já tem Cristo no seu coração? Isso que lhe aconteceu foi enviado por Deus! Tudo o que acontece é pela vontade de Deus! Você não vai à igreja. Pois, por meio dessa provação, Deus o está chamando ao arrependimento. Sem Cristo no coração sua alma irá para o inferno. Arrependa-se dos seus pecados. Aceite Cristo como seu salvador e seus problemas serão resolvidos!" O homem gemeu mais uma vez e o pastor interpretou o seu gemido como a aceitação do Cristo no coração. Disse, então, "aleluia!" e voltou para o carro feliz por Deus lhe ter permitido salvar mais uma alma.

Uma hora depois passava por aquela rua um líder espírita que, vendo o homem caído, aproximou-se dele e lhe disse: "Isso que lhe aconteceu não aconteceu por acidente. Nada acontece por acidente. A vida humana é regida pela lei do karma: as dívidas que se contraem numa encarnação têm de ser pagas na outra. Você está pagando por algo que você fez numa

encarnação passada. Pode ser, mesmo, que você tenha feito a alguém aquilo que os ladrões lhe fizeram. Mas agora sua dívida está paga. Seja, portanto, agradecido aos ladrões: eles lhe fizeram um bem. Seu espírito está agora livre dessa dívida e você poderá continuar a evoluir." Colocou suas mãos na cabeça do ferido, deu-lhe um passe, levantou-se, voltou para o carro, maravilhado da justiça da lei do karma.

O sol já ia alto quando por ali passou um travesti, cabelo louro, brincos nas orelhas, pulseiras nos braços, boca pintada de batom. Vendo o homem caído, parou sua motocicleta, foi até ele e sem dizer uma única palavra tomou-o nos seus braços, colocou-o na motocicleta e o levou para o pronto socorro de um hospital, entregando-o aos cuidados médicos. E enquanto os médicos e enfermeiras estavam distraídos, tirou do seu próprio bolso todo o dinheiro que tinha e o colocou no bolso do homem ferido.

Terminada a estória, Jesus se voltou para seus ouvintes. Eles o olhavam com ódio. Jesus os olhou com amor e lhes perguntou: "Quem foi o próximo do homem ferido?"

(Correio Popular, 21 de julho de 2002)



Sermão pregado no dia 31 de Outubro de 2003, no Culto da Reforma,
por Rubem Alves, na Igreja Presbiteriana de Copacabana - RJ

Simbolos usados na transcrição:

[00:00] = Tempo de gravação

[...] = gravação truncada ou incompreensível

[R.A.] = risos do auditorio

[Faixa 1]

[00:00] [...] [R.A.] para se falar alguma coisa sobre a Reforma, mas eu fico perguntando: "depois de ouvir Bach o que é que há pra ser dito sobre a Reforma? Eu sou um jardineiro, não acho que Deus é jardineiro ...

Há muitos anos, muitos anos mesmo que eu preguei nessa igreja. A igreja era diferente – era menor. E eu me lembro perfeitamente que [...], quando eu era estudante no seminário e eu preguei, me lembro, sobre o texto: Coríntios, [01:00] [...] a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, [...] e quando eu entrei nesse lugar eu me lembrei de um poema de Mário (sic) Antônio Gonzaga que é um dos poetas da Inconfidência. E nesse poema ele descreve uma visível visita que ele fez a lugares amados, cachoeiras, riachos, campos, montanhas. E ele visitava aqueles lugares e ele tinha a sensação que os lugares haviam se transformado, eram diferentes. Aí, a cada lugar que visita, ele acrescenta um refrão: "são este os sítios, são estes, mas eu mesmo não sou/ Marília me chamas, espera que eu vou." [02:00] E aí ele vai de lugar a lugar. Até que no final ele diz: "Mas como [...], as coisas são as mesmas, estão no mesmo lugar, como é que eu olho todas as coisas diferentes." Aí ele diz: "mudaram-se os olhos e triste sou". Ele estava indo para o degredo. Eu não estou indo para o degredo, mas os meus olhos de hoje são muito diferentes dos olhos de há 50 anos atrás que, eu imagino, foi quando eu preguei aqui nessa igreja. Os olhos, os olhos...

Ahn... os olhos são o início da experiência religiosa. Todos os poetas e todos os místicos sabem que a coisa começa é com uma modificação do olhar. E os orientais, [03:00] os zen-budistas eles falam da experiência de "sacolho". Que que é "sacolho"? Eles dizem que é repentinamente abrir seu terceiro olho e a gente vê coisas que a gente não via antes. Foi assim que aconteceu com os discípulos de Emaús. Eles estavam andando com Jesus e Jesus falava e eles não viam nada, mas foi no momento quando Jesus partiu o pão que os seus olhos se abriram e eles perceberam. Foi isso provavelmente que

aconteceu também com Sidarta [Buda]. Ele repentinamente ele teve a visão de que a vida é como um rio. Todas as coisas são passageiras, e ele se assentava na beirada do rio para conversar com o rio e o seu melhor companheiro de conversa era o barqueiro [04:00] que sabia todas as coisas acerca do rio.

[...] que repentinamente no meio do mocho da igreja medieval descobriu a beleza das campinas, das flores, do Sol, da Lua, dos regatos, e percebeu que todas as coisas eram vãs. Ou então de Albert Schweitzer que no meio da selva da Africa, uma vez, andando de canoa de noite, ouvindo o pulsar da floresta, os animais da floresta, ele percebeu então que o grande princípio da sua filosofia era a reverência pela vida. Um poema tão conhecido – não vou ler o poema inteiro que ele é muito grande –, mas vocês compreenderão. Não é um poema religioso, não é religioso, eh...o poema diz: "(...) ele erguia casas/ [05:00] Onde antes só havia chão/Como um pássaro sem asas/Ele subia com as casas/Que lhe brotavam da mão/Mas tudo desconhecia/Da sua grande missão/Não sabia por exemplo/Que a casa de um homem é um templo/Um templo sem religião/Como tampouco sabia/Que a casa que ele fazia/Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão./De fato, como podia/Um operário em construção/Compreender que um tijolo/Valia mais do que um pão?/Tijolos ele empilhava/Com pá, cimento e esquadria/Quanto ao pão, ele o comia/Mas fosse comer tijolo!/E assim o operário ia/Com suor e com cimento/Erguendo uma casa aqui/Adiante um apartamento/Além uma igreja, à frente/Um quartel e uma prisão:/Prisão de que sofreria/Não fosse eventualmente/Um operário em construção./ [06:00] Mas ele desconhecia/Esse fato extraordinário:/Que o operário faz a coisa/E a coisa faz o operário./De forma que, certo dia/À mesa, ao cortar o pão/O operário foi tomado/De uma súbita emoção/Ao constatar assombrado/Que tudo naquela casa/Garrafa, prato, facão/Era ele quem fazia/Ele, um humilde operário/Um operário em construção./Olhou em torno: gamela/Banco, tigela, caldeirão/Vidro, parede, janela/Casa, cidade, nação!/Tudo, tudo o que existia/Era ele quem fazia/Ele, um humilde operário/que exercia sua profissão./Ah, homens de pensamento/Não sabereis nunca o quanto/Aquele humilde operário/Soube naquele momento/Naquela casa vazia/ [07:00] Que ele mesmo construía/Um mundo novo nascia/De que nem sequer suspeitava./O operário emocionado/Olhou sua própria mão/Sua rude mão de operário/De operário em construção/E olhando bem para ela/Teve um segundo a impressão/De que não havia no mundo/Coisa que fosse mais bela" [...] desse poema do Vinícius. Vocês devem ter se [...] nos discípulos de Emaus. Foi ao partir do pão, ao partir do pão, que os olhos se abriram aos discípulos de Emaús. Ao partir do pão, o operário percebeu assombrado e

repentinamente aquelas coisas comuns: gamela, garrafa, faca, ahh... tigela... ele percebe que um novo mundo nascia, naquela casa que ele mesmo construía.

Então é isso o que é a experiência religiosa, a experiência [08:00] de repentinamente a gente ver coisas que a gente nunca viu. Aliás, Jesus já tinha falado sobre isso. Ele disse: "os olhos são a lâmpada do corpo; se os seus olhos forem bons, o teu corpo será luminoso, se os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso."

[...] coisas, eu vim aqui pra falar sobre a Reforma, Lutero [...] repentinamente ele olhou para o pesadelo medieval, porque o Mundo Medieval era um grande pesadelo. Lutero olhou para aquele pesadelo, produzido por olhos teneborosos [09:00] e ele viu uma coisa que ninguém jamais havia visto: o mundo repentinamente se transformou num jardim. Lutero... e nessa Igreja Presbiteriana eu quero confessar [...] [R.A.] [...], porque Lutero era mais [...] gostava mais da vida. Calvino era muito ascético, ele era muito sério, então, para mim, o grande herói da Reforma, que teve a visão, o que teve a visão, foi Lutero.

Quero dizer que eu nasci numa igreja protestante. Meus pais não eram protestantes, nem eu freqüentei igreja protestante. Eu era protestante [10:00] sem saber. O Guimarães Rosa tem uma [...] que diz assim: "*o que eu vou saber, sem saber eu já sabia.*" Sem saber, eu já sabia que eu era protestante, sem saber. Eu vou explicar isso pra vocês. [...] apaixonado por música e eu devo dizer a vocês que há apenas uma criatura no mundo que eu invejo: são os pianistas e os organistas [R.A.], porque eu tentei, mas não consegui. Não basta ter vontade, porque Deus é muito cruel. Tem aquele salmo que diz assim: "*não adianta levantar cedo e trabalhar [11:00] o dia inteiro, porque Deus àqueles que ama, ele dá enquanto dormem.*" [R.A.]. Acorda! Acorda! Acorda! [R.A.] Porque vocês já ouviram falar que um ponto central na Reforma é a idéia de graça. E hoje a gente vai falar sobre graça. Graça e obra. Obra é a gente varrer [...] e eu estudei muito piano, estudei muito piano, eu estudei mais piano que Nelson Freire [R.A.]. Nelson Freire nasceu na minha cidade. Minha mãe ensinou a mãe dele tocar piano. E eu estudava oito horas por dia e o Nelson Freire não precisava estudar. Uma vez, eu tinha sete anos de idade, tava trabalhando na [...] já havia uns seis meses, tava perto de um piano, aí chegou aquele pirralho mal educado lá em casa com a mãe dele [R.A.] [...], [12:00] não cumprimentou ninguém. Viu o piano aberto, [...] eu tava estudando há seis meses. Ele olhou, sentou e tocou. Aí eu compreendi que Deus tinha dado a ele enquanto ele dormia [R.A.] Ó, isso é um princípio fundamental da Reforma. Sabe que as coisas, não é por esforço, não, as coisas são dadas. Mas daqui a pouco a gente pega isso de novo.

A
Jul.

Pois, então, deixa eu explicar pra vocês. Eu gosto muito de ouvir música quando eu tô trabalhando, e geralmente pra trabalhar com música, tem que ser uma música... não pode ser Brahm, não pode ser Mahler, não pode ser o quinto concerto de Bethoven, tem que ser uma coisa... ah... um barroco assim, baixinho. Mas nesses dias eu tava com um CD, que eu nunca tinha ouvido. Uma sonata para piano e violino de César Franck [...] Aí cheguei lá, [13:00] abri meu micro, retirei o CD, comecei a trabalhar. Daí a pouco as lágrimas estavam escorrendo. E eu parei e fiquei me perguntando: "Mas o que é isso? Por que se é que eu nunca ouvi isso... Por que eu tô chorando?" Eu sei, a resposta é: é porque é belo. As coisas belas fazem chorar. Mas o que que é uma coisa bela? Porque que uma coisa é bela? Aí, eu tive que me valer de uma teoria de um grande filósofo. Dizem assim que toda a filosofia ocidental é uma nota de rodapé da sua Filosofia... que é Platão. E Platão tinha a estranha idéia... Ele contava mitos, inventava histórias... e muitas são parábolas. E ele diz que antes de nós nascermos, nós contemplamos todas as coisas belas, boas e verdadeiras. E quando nós nascemos, nós esquecemos [14:00] estas coisas, mas elas ficam adormecidas dentro de nós. Igual aquela história da Bela Adormecida. Vocês se lembram? Se lembram da Bela Adormecida? A coisa bela foi acordada quando ela recebeu um beijo de amor. Acontece a mesma coisa com a música. Eu acredito que todas as coisas belas estão adormecidas dentro de nós e os artistas são esses seres, são esses anjos privilegiados que têm a capacidade de se lembrar da coisa, e quando ele toca a coisa que eu sinto bela, não é porque seja coisa nova, é porque aquela beleza tá dentro de mim. Então César Franck não é Cesar Franck, sou eu. Mozart não é Mozart, sou eu. Éh... Bach não é Bach, sou eu. E é por isso que eu choro, eu vibro; e a prova de aquela coisa sou eu é que quando eu estremeço, eu choro [15:00] e vibro, porque está dentro de mim.

Ah...Você sabia, era isso que eu queria dizer que o protestantismo já tava dentro de mim, eu já sabia, eu já sabia, eu tava lá [...] talvez até antes de Lutero. Há um educador português. Os portugueses são maravilhosos, viu?. Oh! Gente inteligente! [R.A.]. [...] e esse educador português tem a seguinte frase... vários educadores... "só se aprende o não essencial, o essencial somo-lo". Eh... aquele português falaria pro Jânio Quadros: somo-lo; somo-lo; [16:00] somo-lo [R.A.]. O essencial nós somos, quer dizer, a coisa tá dentro de mim. Não me foi ensinado. O protestantismo não foi ensinado, o protestantismo tava dentro de mim. E é isso que eu acredito: que as experiências religiosas estão adormecidas dentro de nós. Não só as experiências religiosas, mas experiências amorosas, porque, na verdade, experiências religiosas e amorosas são a mesma coisa. Deixa eu dizer, então, pra vocês um verso do Fernando Pessoa, que é a

mais linda declaração de amor que eu já ouvi que explica isso. Ele diz o seguinte: [...] "Amei-te já muito antes, tornei a encontrar-te, quando te achei, logo que achei, te conheci? Não, você já estava dentro de mim. Eu já te amava sem saber, mas de repente [17:00] ao te encontrar, [...] tornei a encontrar-te quando te achei." E é isso que eu sinto. [...] uma coisa dentro de mim que quando eu soube da Reforma eu descobri que era aquilo. Mas o que é isso que eu encontrei de novo? O que é isso que eu encontrei de novo? O que que é isso que está dentro de mim de que eu me lembro? É uma coisa chamada sonho. A Reforma [18:00] é um sonho d'alma humana. É o sonho de que nós somos seres alados. Vou repetir: a Reforma é um sonho de que nós somos seres alados [...] vocês não sabem, eu preciso que vocês fiquem sabendo: sonhos são a nossa substância. Nós somos feitos de sonhos, quem diz isto é Shakespeare. Não só Shakespeare, Freud diz a mesma coisa. Não apenas Freud, todos os poetas sabem disso. Que nós somos sonhos. Onde moram os sonhos? Vocês sabem que Freud falou-o: o consciente, o inconsciente. O que que é o consciente? O consciente [19:00] é a cabeça da gente. As coisas que a gente sabe, as coisas banais. O que que é o inconsciente? O inconsciente é o lugar onde mora o amor, de onde brotam as coisas belas, a alegria, a tristeza, a esperança. E é também o lugar onde rastejam monstros, é o lugar dos pesadelos, das violências dos horrores. Então esse lugar chamado inconsciente é o lugar de paraísos e infernos; e esses paraísos e infernos estão permanentemente em luta uns com os outros. Então, sonhos são essas profundezas do indivíduo. E as religiões? As religiões são sonhos [20:00] da coletividade. Sonhos e muitos sonhos.

Lutero nasceu em num mundo de pesadelos. Se vocês quiserem saber como eram os pesadelos medievais, vejam as telas daquele pintor Jerônimo Bosch. Um surrealista, quinhentos anos antes do Surrealismo. Algumas telas do Bosch elas são tão monstruosas. Aliás, uma delas se parece muito com um quadro protestante chamado "os dois caminhos", não sei se vocês sabem. O que tem acontecido com o protestantismo é que o protestantismo, depois de voar, depois de voar muito e... Eu conto a história no final pra vocês. Do Pato Selvagem. Eu conto a história...

[21:00] Ah... O Bosch é um autor de monstros. O inferno, o inferno de Bosch é uma coisa pra gente não dormir mais, mas não precisa falar no inferno de Bosch. A gente pode pensar num pintor da Renascença, por exemplo, éh... éh... Michelangelo. A tela da Capela Sistina, o Juízo Final, Cristo maravilhosamente atlético, forte; e é hora do julgamento e não há nem um sorriso de piedade em Jesus Cristo, porque lá está o juiz, que agora vai fazer os acertos finais; e lá estão os condenados como se fossem

contorcidos de medo sendo arrastados pelos demônios para o inferno. Esse é o mundo medieval. O juiz que não perdoa.

A doutrina cristã da expiação, vocês sabem [22:00] da história da expiação, que Jesus Cristo morreu para pagar os nossos pecados. Pagar? Esse ensejo não tem nada a ver com amor! Porque Deus não perdoa! Então ele fez matar o seu filho para pagar a sua dívida. [...] Deus é um sádico que para ficar feliz tem que matar o filho? Quem pensou isso nunca teve filho! Porque vocês sabem... quem é pai sabe que é sempre o pai que se deixa matar para que o filho viva, mas é isso que pelo caminho inconsciente e perturbado o cristianismo medieval elaborou como sendo a fé. Então era aquele mundo do Deus vingador sádico. Ah! Como Deus é sádico! [...] tem um texto que diz assim: [23:00] "*Deus e os salvos, nos céus, contemplarão os condenados no inferno nos esplendores do seu sofrimento para que sua alegria seja completa.*" [R.A.] [...] absolutamente ortodoxa, essa [...] quer dizer que não é ortodoxa? Deus é Onisciente? É. Então ele sabe o que está acontecendo no inferno? Sabe. Ele pode sofrer com o que está acontecendo no inferno? Não. Por que que não pode sofrer? Porque ele é Onipotente. Se está assim no inferno é porque ele quis, ou seja, não é contra a vontade dele, porque se fosse contra a vontade, então ele não seria Onipotente. [24:00] E se ele sofresse, ele não seria perfeito, porque Deus não pode sofrer. Então a única resposta é que Deus tem que ficar feliz ao contemplar o sofrimento dos condenados no inferno. Para mim, isso não é Deus, para mim, isso é o retrato do demônio! Mas era precisamente esse Deus que estava no céu no mundo medieval. Um mundo de câmaras de tortura. De degredo. O mundo é um lugar de degredo. Há uma oração, e que os irmãos católicos me perdoem, mas eu vou dizer. É uma oração que tá no rosário do terço que se chama Salve Rainha, Rainha, que diz assim: "*nós, os degredados filhos de Eva, neste vale de lágrimas, nos lamentamos*". Degredados filhos de Eva, neste vale de lágrimas. [25:00] Então isso aqui não é mais o paraíso, não é criação de Deus? E esse era o mundo em que viviam os medievais, e como Deus tem uma transa comercial em que as dívidas são pagas, havia uma agência bancária que tinha transações com outro mundo. Aliás, as agências tinham um negócio que se chamava caixa dos méritos super rogatórios. Vocês já ouviram falar nisso? Isso é termo teológico. Caixa dos méritos super rogatório é o seguinte: os santos, quando eles fazem bondade mais do que é necessário para a salvação, esse excesso de poupança fica numa caixa. Fica uma poupança geral, que é de posse da igreja. [R.A.] [...] É verdade, gente! É verdade! [R.A.]. Péra, eu não tô dizendo que é verdade... eu tô dizendo que essa é uma doutrina! [R.A.]. [26:00] Bom aí o que que acontecia... Aí vocês vão compreender uma coisa, um incidente que provocou a reforma. Foi quando a igreja éh... éh...

precisando de dinheiro, resolveu lançar bônus no mercado [R.A.] Eram as famosas... éh... éh... indulgências de Tetzl. Por quê? Porque a igreja tinha um lastro. Tinha um lastro grande de poupança para vender, então você vendia e trocava os méritos espirituais por dinheiro. Era um negócio que a igreja fazia. Foi um grande escândalo. Mas, sabe, a Reforma não foi para resolver isso não. Lutero não é um reformador, eu não gosto dessa palavra. Ele não era um reformador. [27:00] Porque Reforma, vocês sabem o que que é Reforma? A casa tá com a parede descascada, você vai lá conserta a parede, você pinta a parede. Lutero não tinha o menor interesse em consertar aquela estrutura, aquela escuridão, aquela coisa absolutamente terrível, um inconsciente perturbado de pesadelos.

Deixa eu fazer um cortezinho aqui e contar pra vocês sobre um compositor austríaco chamado Gustave Mahler. Mahler era um compositor e regente austríaco-judeu e ele se converteu ao catolicismo para manter o seu emprego. E Mahler era especialista em sinfonias. E a sua segunda sinfonia se chama sinfonia da Ressurreição em que ele descreve [28:00] o drama cósmico da humanidade, da morte do inferno. E no último movimento, o quinto movimento, o clima é o seguinte. É o próprio Mahler que [...] é o próprio Mahler que descreve o que está acontecendo. O clima é: chegou o dia do juízo, as sepulturas se abrem, os mortos saem dos túmulos, reis e mendigos, justos e injustos, homens e mulheres, homens de todas as raças saem e há um grito de terror por todo o Universo porque chegou a hora do acerto final. É o trágico! O cenário está coberto [29:00] de nuvens negras. Medo! Hora dos livros serem abertos. Aí, repentinamente, no meio desse horror, ouve-se o canto de um rouxinol [...] Depois do rouxinol, segue-se o canto de um coro. Imagino que devem ter cantado o coral de Bach, mansamente passam as ovelhas. Tudo é tranqüilo. Tudo é bucólico. E aí, naquele momento, quando vão se abrir os livros, onde está a... a contabilidade de Deus, percebe-se que não há nada escrito nos livros, [30:00] Deus não tem contabilidade. E é só felicidade. Não há salvos e condenados. Não há inferno. Só existe a grande bondade de Deus que transborda sobre o mundo [...].

[Faixa 2]

[00:00] O cântico do rouxinol. No lugar do Deus Juiz ele colocou outra coisa. Ele colocou uma fonte de bondade no centro do universo. Deus é uma fonte de bondade. E é isso que tem o nome de graça. Fonte, água. O Riobaldo diz: "onde tem muita água, tudo é feliz". E o Pequeno Príncipe comentando no deserto, ele diz o seguinte: o deserto é belo porque em algum lugar existe uma fonte. Eu diria, então, o Universo é belo porque no seu centro existe uma fonte que é a bondade de Deus. Essa bondade de Deus, biblicamente, eu acho que não está expressa de maneira mais [01:00] bonita que naquela parábola

que... a que os pregadores e teólogos deram erradamente o nome de Filho Pródigo. Erradamente, por quê? Porque a parábola não termina com o Filho Pródigo – tinha outro filho, mas, geralmente os pregadores terminam com o Filho Pródigo, porque eles têm interesse em dizer que Deus perdoa, "então nós somos pecadores, podem voltar para a casa, porque Deus perdoa". Mas o que falar com o filho mais velho? Qual é o papel dele na parábola? Então, eu vou fazer uma paráfrase daquela parábola. Parábola vocês sabem é uma... é a mesma coisa dita com outras palavras. O filho pródigo volta pra casa, defronta-se com o pai, sorridente, o pai, e diz: "pai [...] todo o meu dinheiro e gastei [02:00] ; eu sou devedor, tu és credor. O pai diz pra ele: "meu filho, eu não somo débitos [...]". Aí ele vai conversar com o filho mais velho que estava furioso [R.A.] [...]. Aí o filho... o filho diz para o pai: "pai, sempre trabalhei fielmente. Tu nunca me pagaste nada. Nem mesmo me deste um carneiro para [...] para alegrar com os meus amigos. Eu sou credor, tu és devedor." O pai diz: "meu filho [...]" Eles viviam num mundo de débitos e créditos. Então a parábola não podia se chamar Parábola do Filho Pródigo. [03:00] Teria que chamar a Parábola do Pai Amoroso. Foi precisamente isso que Lutero compreendeu – que Deus é uma fonte transbordante de bondade.

E isso então cria pra gente uma imensa liberdade. Não sei se vocês sabem que um dos tratados mais importantes de Lutero é um tratado da liberdade cristã. Liberdade, por quê? Pelo seguinte: se não há contas a pagar, eu estou livre das cobranças do banco; eu não preciso mais do banco que faz a intermediação. Então, eu estou livre da intermediação, no caso, eu não mais preciso da intermediação da Igreja Católica. E é isso o que quer dizer o sacerdócio universal dos crentes. Nós temos livre acesso. Podemos ir diretamente beber da água. Não precisamos comprar água engarrafada em algum lugar. [04:00] Nós somos livres. E depois, olha uma coisa sobre a fonte. Essa idéia da fonte é muito bonita, porque a fonte, ela sempre produz água limpa a despeito do que nós possamos fazer com ela. Eu posso ir lá colocar excrementos, sujeira, lixo. A fonte não reage. A fonte não reage – ela continua a ser boa. E é isso o que quer dizer graça. Deus é sempre Deus. Deus não reage àquilo que nós fazemos. Ele não fica bravo com quem não obedece e fica [...] com os que são bonzinhos. Ele é sempre bom. Então, se ele é sempre bom, nós temos a liberdade pra fazer o que quiser, porque a fonte nos libertou e agora nós estamos tomados de amor [05:00] , e se nós estamos tomados de amor, a liberdade é total. Éh... Santo Agostinho, perguntaram a ele como é que a gente deve agir. Ele respondeu: "ama a Deus e fazes o que quiseres". Mas não é verdade? Porque se eu amo, eu posso fazer o que eu quiser. Porque se eu amo, eu só farei coisas que signifiquem amor ao meu próximo. Eu não tenho que pensar que eu tenho que fazer isso, tenho que

fazer aquilo [...] O que que o padre diz... Porque agora eu tenho liberdade para viver a partir [...] Liberdade de pensar.

Liberdade de pensar é uma das coisas mais deliciosas. Eu sei que muitas pessoas ficaram muito aflitas, éh... na igreja porque eu vinha falar aqui [R.A.] [...] pensamentos esquisitos [R.A.]. Mas isso é parte da tradição da Reforma.

Sabe, olha, eu quero dizer o seguinte: se Deus é sempre amor, se Deus não dá bola pra o que nós estamos fazendo [06:00] [...] porque ele é sempre amor, como pai, é sempre amor, então nós somos livres pra pensar o que nós quisermos. Posso ser herege à vontade! [R.A.] Deus não tá ligando pra heresia [R.A.] porque os nossos pensamentos são tão tolos que se uma pessoa pensar que ela tem o pensamento certo acerca de Deus, essa pessoa deve ser trancada num éh... sanatório, num manicômio, [R.A.] porque só um doido varrido pensa que sabe coisas sobre Deus, porque Deus é um grande mistério. No Velho Testamento até era proibido falar o nome de Deus. Agora os teólogos fazem tratado de Anatomia e Fisiologia divina [R.A.]. É isso que é pecado. Então, eu sou livre pra pensar o que eu quiser. E eu que gosto muito de escrever história pra crianças, muitas das histórias que eu escrevo, parece que é pra criança, mas é pra adulto. São pra adulto. Eu, então, escrevi uma história dedicada aos teólogos que acham [07:00] que tem o jeito certo de fazer as coisas. É a história de um galo que cantava pra fazer o sol nascer. Vocês sabem essa história? Uma história antiga [...] Havia no galinheiro um galo. Todo dia ele ia com as galinhas, e com os perus e com os patos. De manhã, olhava o horizonte lá, e ele dizia: "Vou cantar para fazer o sol nascer". Subia lá em cima. Batia as asas. Cantava. E ficava esperando o sol nascer e o sol nascia. E a galinhada, os patos e os perus ficavam esticados: "Meu Deus, que poder tem esse galo! Ele canta e o sol nasce!" – mas era interessante o seguinte: que havia pelo vale a fora uma quantidade enorme de galos. Todos eles cantando e todos eles diziam que o sol nascia por causa do seu canto. E cada galo cantava de um jeito [08:00] diferente. Um cantava com uma partitura. Outro cantava com a outra partitura [R.A.] [...]. Mas afinal de contas qual é a partitura certa para fazer o sol nascer? Ninguém sabia qual era a partitura certa, mas vai acontecer uma coisa. É o seguinte: que aquele galo um dia [...] perdeu a hora e ele acordou com as gargalhadas do peru – gargalhando porque ele tinha (...) o sol tava lá, maravilhoso. Começaram a rir do galo, compreenderam que aquilo tudo era lorota do galo, que ele podia cantar à vontade, ou não cantar, que o sol ia nascer do mesmo jeito. E o galo entrou numa grande depressão [R.A.] e aí ele descobriu que não tinha tanto poder. Aí depois de passado muito tempo, a galinhada acordou de manhã com o canto do galo. Aí um peru veio caçoando: "tá cantando pra fazer o sol nascer?" E o galo disse:

"Antigamente eu [09:00] era teólogo e cantava pra fazer o sol nascer. Agora eu sou poeta, e canto porque o sol vai nascer." [R.A.]

Gente, isso aí é uma das coisas mais centrais do espírito da Reforma que significa que nós somos livres, não é? Não é pecado pensar errado, porque ninguém sabe o que é pensar certo. Então a gente pode pensar do jeito que for, que não tem ortodoxo e herege. E quem quiser dizer que o outro é herege não está entendendo direito o espírito da Reforma.

[...] Surge esse mundo com mares montanhas, praias, vales, rios, aves, bosques, [10:00] crianças, pássaros, animais, [...]. Este mundo é bom. A vida é boa. Este mundo é uma dádiva. Temos o direito de gozar este mundo. Não é um vale de lágrimas. Não é um lugar de degredo para os desgraçados filhos de Eva. Mas é um lugar que Deus com a sua graça e a sua bondade criou.

Então, vejam uma coisa interessante. Graças a esse Deus, nós somos libertados dos pensamentos tolos acerca da vida futura. Que são tolos os pensamentos... Que a gente nada sabe... Mas a gente sabe só de uma coisa: Deus tomou conta de tudo, então eu não tenho com o que me preocupar, não há nada [11:00] que possa fazer [...]. E aqui nós realizamos aquilo que Lutero chamava a Vocação. Eu sou chamado para viver nesse mundo, da mesma forma como Deus é chamado a viver neste mundo. Ele achou esse mundo tão bom que, depois de criar o paraíso, largou o céu dele e ficou lá, andando no paraíso. Não é verdade? Vocês vejam que coisa interessante. Deus pode fazer uma coisa pior? [...] cabeça de jovem de vocês. Deus pode fazer uma coisa pior? Não. Deus é perfeito. Ele só pode fazer coisa melhor. Mas Deus criou o paraíso. Quer dizer que o paraíso é melhor do que o céu onde ele estava. Por que se o céu fosse totalmente bom, ele não teria criado o paraíso. Estaria contente com o céu. Não é verdade? Ele criou o paraíso e a cada momento que ele criava ele dizia: É bom, é bom, [12:00] é bom, é bom, é muito bom. E ele achou tão bom que ficou andando lá pelo jardim. Vocês se lembram? Ele ficava passeando pelo jardim pela viração da tarde e aí ele chegou à conclusão que era muito melhor ser homem do que ser Deus [R.A.]. Heresia? Não! Foi por isso que ele se encarnou! Ele se transformou em homem, porque é bom ser homem e ser mulher, ainda com o risco da morte. Segundo a doutrina ortodoxa o Deus humano, Jesus Cristo, está incluso na Trindade. Na Trindade está [...] que é para isso que nós fomos criados.

Deixe só dizer. Sei que vocês estão cansados. Deixe só dizer mais uma coisinha. [13:00] Tem uma coisa estranha dentro [...] que é a separação dos dois reinos. Vocês sabem que pra eles existiam dois reinos? O Reino da Lei e o Reino da Graça. Os dois são separados. Vocês vão entender que é muito interessante. Éh... pra isso eu vou usar um

exemplo. Éh... perdão, o organista... éh... como é o seu nome? [...] Sabe construir órgãos? Não, não sabe, não sabe construir órgãos... coitado [R.A.] Quem constrói órgãos são pessoas altamente qualificadas que têm conhecimento científico. Esse órgão aí, ele é regido por uma lei. Não pode ter nada de arbitário. As notas tem que ser afinadas exatamente no jeito. Não pode ter arbitrariedade. Mesma coisa com a construção de piano. O Steinway [14:00] – que são os pianos mais famosos – quem constrói um Steinway são, são artistas que sabem precisamente os décimos de milímetro [...] construir pianos ou de outros construir órgãos, não quer dizer que eles saibam tocar piano. Eles não são compositores, os fabricantes de Steinway, os fabricantes de órgão. Os compositores, os executantes não sabem fazer o instrumento, mas sabem tocar. Os outros sabem fazer e não sabem tocar.

Lei e graça é assim: lei é fabricar a coisa, fazer a coisa. Graça é sentar e tocar. As duas coisas são separadas. Completamente diferentes. [15:00] Então Lutero dizia que as coisas são separadas. O que que o Reino da Graça faz? O Reino da Graça nos torna bons, melhores, mas isso não nos dá competência. Quando eu vou procurar um médico, eu não quero saber se ele é cristão. Acho que, espero que vocês também não queiram. Que a gente quer um médico que seja competente. Eu quero é competência. Está no Reino da Lei. É. Se eu quero um mecânico, eu quero um mecânico competente. Sujeito que saiba dominar aquilo. Mas competente, não quer dizer que o competente seja bom de coração. Ele pode não ser bom de coração, mas ele ser muito competente. Então as duas coisas são separadas. E o grande escândalo que existe é que ele dizia que, também, a fé não tem nada a ver com política. O mundo da Graça não tem nada a ver com o mundo, [16:00] com a ordem secular, com a política. Mas vocês vão entender. É o seguinte: a política não faz ninguém bom. Parece até o contrário. O que torna as pessoas boas é a fonte de água da vida. Essa fonte de água da vida, então me diz [...] "é preciso lutar pra preservar a natureza". Mas esse amor pela natureza não me dá a competência para estabelecer políticas pra preservação da Natureza. Isso é uma coisa totalmente secular, ele tem que saber sobre floresta, sobre água, sobre rios, sobre mares. São coisas seculares, não estão nas Sagradas Escrituras. As Sagradas Escrituras não são livro de Ciência. As Sagradas Escrituras são um livro de poesia. Pela poesia, nós nos tornamos bons, pela Ciência, nós nos tornamos competentes. [17:00]

Deixe só dizer mais uma coisinha. [...] leram aquele livro do Humberto Eco? O Nome da Rosa? É... no conselho medieval, nesse conselho havia um monge cego que achava que o maior pecado era rir. Ninguém se atrevia a rir na presença do irmão Pedro. No mundo do catolicismo medieval não era possível rir porque o mundo era realmente

trágico, mas [...] descobre que não é aquilo que o rouxinol canta, então a gente tem [18:00] a liberdade pra rir, então existe um elemento de humor ligado à Reforma é e por isso que um dos grandes pensadores reformados do século passado: R. Niebuhr. Ele dizia o seguinte: "*o riso é o princípio da oração*", ou seja, pra orar a gente não pode se levar muito a sério não. A gente não deve nem acreditar nas coisas que a gente tá falando, tem horas que a gente fala tantas bobagens, tantas coisas. A gente tem que simplesmente confiar que Deus vai dar risada das bobagens que a gente tá falando. E a gente vai rir também, e a gente vai confiar que Deus sabe melhor do que nós as coisas. Então nós vamos rindo e na medida que nós vamos rindo, a gente vai dizendo a Deus assim: "olha, eu acredito na tua bondade, portanto eu não preciso ficar sério." [19:00]

[...] naquele dia ela fez uma história pra minha filha, e um dia eu viajava pro exterior e ela tinha 4 anos de idade. E ela começou a ficar muito angustiada por causa da viagem. Então eu disse a ela "vou te contar uma história". E as histórias... ó eu não tenho a graça de tocar música assim, mas eu tenho a graça de escrever a história [R.A.].

E é uma coisa interessante [...] na história. É que a história não é um produto da cabeça não, ela aparece, é uma revelação [R.A.]. Então eu contei para ela a seguinte história. "Era uma vez uma menina que tinha por seu melhor amigo um Pássaro Encantado. O Pássaro era Encantado por duas razões: primeiro, porque ele não vivia em gaiolas [20:00] e vinha quando queria. Segundo, porque ele vinha sempre com as penas coloridas nos lugares aonde ele tinha estado voando. Uma vez ele voltou completamente branco. Contou histórias com montanhas cobertas de neve. Outras vez, voltou completamente vermelho. Contou histórias de desertos cobertos pelo sol. Por que era grande a felicidade quando o pássaro e a menina estavam juntos. Mas sempre chegava o momento quando o pássaro dizia: "eu vou embora, menina". E a menina chorava e dizia: "não vai não, pássaro, a gente é tão feliz" Ai o pássaro dizia pra ela: "Você não entende, menina, que eu sou só encantado por causa da saudade? É preciso que você tenha saudade de mim para que eu seja encantado. É preciso que eu tenha saudade de você pra que eu te ame. Então eu vou... pra sentir saudade, pra te amar." Partia. [21:00] A menina não se conformava, não acreditava no pássaro [...]. Então, ela teve uma idéia [...] Ela comprou uma gaiola de prata e disse: "vou prender o meu pássaro, e aí nós seremos eternamente felizes". Foi o que ela fez. Comprou uma gaiola. Próxima vez que o pássaro chegou e contou as histórias, ele tava dormindo, e ela, cuidadosamente, [...] o pássaro e botou dentro da gaiola. De manhã, o pássaro acordou com um grito de pavor: "Ah! Menina, você não sabe o que você fez comigo. Você vai me destruir, eu vou deixar de te amar, você vai deixar de me amar e eu não serei mais encantado, não terei mais histórias

pra te contar." A menina não acreditou, mas foi o que aconteceu. O pássaro foi ficando triste, parou de cantar, não tinha mais histórias, foi perdendo as penas. Foi ficando murcho, estava morrendo. Até que a menina percebeu o que ela tinha feito com o pássaro e resolveu então abrir a janela... a gaiola.... a porta [22:00] da gaiola. O pássaro voou e disse pra menina: "Menina, obrigado. Vai demorar. Vou embora. Vai demorar, mas eu vou sentir saudade de novo e na medida que eu sentir saudade, vou ficar encantado, minhas penas vão ter cores coloridas e você também vai ter saudades, você vai me amar de novo. Eu voltarei." E o pássaro partiu. A menina sabia que em algum lugar do mundo, o pássaro estava, ele voltaria. Então todo o dia ela pensava "de onde será que meu pássaro virá". Todo dia então ela se aprontava, botava uma flor na jarra e vestia um vestido novo, e pensava: "Quem sabe ele voltará hoje".

Essa história eu escrevi porque a minha filha tava com medo da minha viagem. Depois eu descobri que, depois de publicada, essa história começou a ser usada por terapeutas para lidar com casais [23:00] engaiolantes [R.A.] [...] mulher querendo botar o marido na gaiola [R.A.] Tá vendo! Ó, ô Alberto, você citou o Fernando Pessoa, né? Comunicar a nossa identidade íntima com eles. Foi só falar, que todo mundo deu risada, quer dizer, todo mundo tem culpa no cartório [R.A.] Todo mundo já [...] engaiolado. [R.A.] Aí um dia eu encontrei com uma pessoa que disse: "mais que linda história teológica você escreveu". "Que história teológica?", "Aquela da menina e o pássaro encantado!". Aí eu fiquei parado. "Mah como?". "Mas, escuta, o pássaro encantado não é Deus que as religiões põem na gaiola?"

Jesus Cristo estava trancado numa gaiola. [24:00] Ele não voava mais. Era prisioneiro de uma instituição. Havia perdido o poder de fazer os homens felizes. E, de repente, aparece Lutero e abre a porta da gaiola. Aí o pássaro voa de novo.

A fé na Reforma é a fé num pássaro encantado que a gente não vê. Ele não está nas doutrinas, ele não está preso em qualquer lugar. Ele não é de uma igreja. Ele está ausente. Os sacramentos são a celebração de uma ausência. Mas é isso que é "em memória de mim". [25:00] Mas a gente só tem memória quando tá ausente! Mas é justamente na memória que a gente sente saudade. Deus não é prisioneiro de nenhuma igreja. Ele é um pássaro encantado [...] nossa imaginação que nós faz voar [...] encantado; e é aí que uma coisa estranha acontece com a gente. Começa a acontecer uma coisa nas costas e a gente percebe que asas estão crescendo [...]. Que a bondade de Deus não castiga [...] que nos chama ao amor, e com isso nós podemos fazer um mundo [...]